

O IMPÉRIO POR DENTRO (SEGUNDA PARTE)

Na reflexão de ontem aparece um parágrafo chave extraído do livro de Woodward: “Um segredo importante que nunca tinha sido revelado nos meios nem em nenhuma outra parte era a existência de um exército encoberto de 3 000 homens no Afeganistão, cujo objetivo era matar ou capturar os talibãs e em ocasiões adentrar-se nas zonas tribais para pacificá-las e obter apoio.”

Tal exército, criado e manejado pela Agência Central de Inteligência (CIA), treinado e organizado como “força especial”, tem sido integrado sobre bases tribais, sociais, anti-religiosas e antipatrióticas; sua missão é o seguimento e a eliminação física de guerrilheiros talibãs e outros afegãos, qualificados como extremistas muçulmanos. Nada têm a ver com Al Qaeda e Bin Laden, um saudita recrutado e financiado pela CIA para lutar contra os soviéticos quando suas tropas ocuparam o Afeganistão. Quando o Vice-presidente Biden viajou a Kabul, a começos de 2009, David Mckiernan, chefe das tropas dos Estados Unidos no Afeganistão, disse-lhe quando perguntou por Al Qaeda: “que não tinha visto um só árabe em dois anos ali”. Apesar da relativamente breve e efêmera importância que os principais meios internacionais de imprensa deram “Às guerras de Obama”, estes, todavia, não deixaram de consignar esta reveladora notícia.

O governo dos Estados Unidos estava perante um problema insolúvel. Em uma das últimas reuniões do Conselho de Segurança Nacional durante a presidência de Bush, foi aprovado um relatório onde se afirmava: “que os Estados Unidos não poderiam se manter no Afeganistão a não ser que fossem resolvidos três grandes problemas: melhorar a governabilidade, diminuir a corrupção e eliminar os santuários dos talibãs...”

Poderia se acrescentar que o problema é ainda mais grave se forem tidos em conta os compromissos políticos e militares dos Estados Unidos com o Paquistão, um país dotado de armas nucleares, cuja estabilidade no meio de tensos equilíbrios de caráter étnico, tinha sido afetada pela aventureira guerra de Bush no Afeganistão. Centenas de quilômetros de fronteira montanhosa, com populações da mesma origem que estão sendo atacadas e massacradas por aviões sem piloto, são partilhados por Paquistão e Afeganistão. As tropas da NATO, cuja moral decresce dia a dia, não poderão ganhar esta guerra.

Sem enormes quantidades de combustível, alimentos e munições, nenhum exército se pode mover. A própria luta dos afegãos e paquistaneses, de um e de outro lado da fronteira, tem descoberto o ponto fraco das sofisticadas tropas dos Estados Unidos e da Europa. As longas rotas de abastecimentos se estão tornando em cemitério dos enormes caminhões e carros-pipas destinados a essa tarefa. Os aviões sem piloto, as comunicações mais modernas, as sofisticadas armas convencionais, radioelétricas e até as nucleares, sobram.

Porém, o problema é muito mais grave que o que estas linhas expressam.

Continuamos, não obstante, adiante com a síntese do espetacular livro de Woodward.

“CAPÍTULO 8

“Jack Keane, General retirado, muito próximo da Hillary Clinton, advertiu-lhe que a estratégia seguida no Afeganistão era incorreta, que o elevado número de vítimas não ia pôr término à insurgência, que isto tinha o efeito contrário, que a única saída era uma ofensiva contra-insurgente intensiva para proteger os afegãos. McKiernan não estava interagindo com os governadores das províncias. Keane lhe expressou que se recorria muito à luta anti-terrorista, e a estratégia contra-insurgente não marchava à par.

“Keane lhe propôs substituir McKiernan pelo Tenente-General Lloyd Austin III, segundo ao mando no Iraque; e também propôs McChrystal, acrescentando que este era, sem dúvidas, o melhor candidato.

“McChrystal tinha organizado boas campanhas antiterroristas no Iraque, mas os sucessos táticos não se traduziam em vitórias estratégicas. Por isso a contra-insurgência era necessária.

“CAPÍTULO 9

“Na audiência de confirmação de Leon Panetta como Diretor da CIA perante o Comitê de Inteligência do Senado, este afirmou que a Agência já não enviaria os supostos terroristas a outro país para que fossem torturados, porque isso estava proibido segundo as ordens executivas do novo Presidente. Ele declarou que suspeitava que a CIA enviava pessoas a outros países para que fossem interrogadas utilizando técnicas que ‘violavam nossas normas’.

“Hayden o estava observando pela televisão e se perguntava, aborrecido, se Panetta ignorara a conversa que ambos tinham tido no mês anterior. Hayden contatou Jeff Smith, ex assessor geral da CIA, que estava ajudando na transição entre Hayden e Panetta e o ameaçou dizendo-lhe: ‘Ou ele retira o que disse em seu testemunho público amanhã ou teremos o espetáculo onde o atual Diretor da CIA lhe diga ao futuro Diretor da CIA que não sabe do que está falando. Hayden disse que o expressaria publicamente e que isso não ia beneficiar ninguém. No dia seguinte foi o Senador Kit Bond, de Missouri, o chefe republicano do Comitê de Inteligência, que lhe perguntou a Panetta se ele se retratava do que tinha dito no dia anterior e Panetta disse que sim.

“Hayden posteriormente se reuniu com Panetta e lhe disse que tinha lido seus escritos, onde dizia que o governo de Bush tinha escolhido a melhor informação de inteligência para alegar a existência de armas de destruição maciça no Iraque. Panetta tinha culpado disso a uma unidade especial do Pentágono criada por Rumsfeld. Panetta respondeu que não era verdade, que fora um erro deles, e aceitou que se tinha produzido nesse caso uma catastrófica falha de inteligência na agência da qual ia ser diretor.

“No dia 13 de fevereiro o presidente se reuniu de novo com o Conselho de Segurança Nacional para discutir quatro opções para o desdobramento de tropas no Afeganistão.

“1. Decidir só depois de definir uma estratégia.

“2. Enviar de imediato 17 000 efetivos.

“3. Enviar os 17 000 mas em duas partes.

“4. Enviar 27 000, com o que seria cumprida a solicitação do General McKiernan.

“Clinton, Gates, Mullen e Petraeus apoiaram o envio dos 17 000 de imediato. Esta também foi a recomendação de Jones. Richard Holbrooke, em um vídeo de segurança, advertiu que 44 anos atrás o Presidente Johnson debatia o mesmo com seus assessores para o caso do Vietnã. ‘Não se pode esquecer a história’, acrescentou. O Vietnã nos tinha ensinado que as guerrilhas ganham em uma situação de impasse, e, portanto, ele apoiava o envio dos 17 000. Obama finalmente notificou ao Pentágono que tinha decidido enviar 17 000.

“CAPÍTULO 10

“O objetivo para o governo de Obama estava claro: dismantelar e finalmente derrotar Al Qaeda e seus aliados extremistas, suas estruturas de apoio e seus santuários no Paquistão, e evitar seu regresso ao Paquistão ou ao Afeganistão. Jones, Gates e Mullen se perguntavam se podiam confiar nos paquistaneses. Biden propunha reforçar as operações anti-terroristas e concentrar-se em Al Qaeda e no Paquistão. Obama perguntou se o envio de 17 000 efetivos e posteriormente 4 000 mais fariam a

diferença e a resposta foi sim. Obama perguntou quanto custaria esta operação e a resposta foi que não se sabia, que isso só era um estudo e que não se tinha feito um cálculo do orçamento, mas que o custo de colocar um soldado estadunidense no Afeganistão, incluídos os pagamentos como veterano de guerra, o seguro de saúde, o custo da atenção a seus familiares, a alimentação e o armamento, ascendia a aproximadamente 25 000 dólares por ano. O custo de um soldado afegão no terreno era de uns 12 000 dólares. Mais tarde Obama confirmou que Paquistão seria o centro de qualquer nova estratégia.

“Em uma reunião com o Conselho de Segurança Nacional, Obama disse que esperava contar durante pelo menos dois anos com o apoio popular para sua estratégia. Biden expressou que a sorte estava deitada, embora fazendo notar que dissentia, mas garantiu que apoiaria a estratégia do presidente.

“CAPÍTULO 11

“Petraeus se mostrava preocupado. Preocupava-lhe se tornar na vítima de seus sucessos anteriores no Iraque. Provavelmente uma contra-insurgência não era a estratégia correta no Afeganistão, mas Petraeus tinha designado a tarefa de estudar o tema a um grupo de peritos em operações e atividades de inteligência, quem tinham uma opinião contrária. Parecia que o Presidente não tinha aceitado seus argumentos em favor de uma operação contra-insurgente. O presidente anunciou em um discurso sua estratégia de dismantelar e derrotar Al Qaeda. Um editorial do jornal The Washington Post elogiou o plano com a seguinte manchete: ‘O preço do Realismo’. O discurso surpreendeu alguns. O presidente pessoalmente lhe fizera mudanças ao texto. Obama não se comprometera totalmente com o envio de todas as tropas solicitadas pelo exército. Obama disse que analisaria a questão de novo depois das eleições no Afeganistão.

“O Secretário de Defesa Gates parecia cômodo com a decisão: Dois dias depois declarou que não via a necessidade de pedir mais tropas ou pedir ao Presidente que as aprovasse até tanto não se visse o desempenho das mesmas.

“O Presidente do Paquistão se reuniu com Obama em seu gabinete. Obama lhe disse que não queria armar o Paquistão em contra da Índia. Reconheceu que tinham avançado em Swat mas que o cessar fogo tinha provocado que os extremistas subvertissem a legitimidade do governo paquistanês, e que o governo estivesse dando a impressão de que ninguém estava a cargo. Obama reconheceu que o Paquistão agora agia com mais decisão, o que se tinha tornado evidente por sua atuação em Swat e por ter permitido que a CIA lançasse como média um ataque com aviões não tripulados cada três dias no decurso do mês anterior. Os paquistaneses tinham lançado uma operação com 15 000 efetivos, uma das maiores até ao momento, contra os talibãs.

“O chefe do Estado-maior Conjunto se dava conta de que a solução do problema afegão estava justo à vista, vadiando pelos corredores do Pentágono. McChrystal já era uma lenda. Tinha trabalhado mais do que ninguém, solucionando problemas e sem esperar. Cumpria cabalmente todas as ordens. Gates finalmente anunciou que McChrystal seria o novo comandante das tropas no Afeganistão. ‘Nossa missão ali’, disse, ‘precisa de novas idéias e de novos pontos de vista por parte dos nossos chefes militares’. Posteriormente Obama expressou que ele tinha estado de acordo com esta decisão porque confiava nas opiniões de Gates e de Mullen, mas que não tinha tido a oportunidade de conversar pessoalmente com ele.

“Em 26 de maio de 2009 apareceu no relatório ao Presidente um dos mais sensíveis relatórios de inteligência profunda. Seu título era: Os recrutas de Al Qaeda na América do Norte poderiam fazer mudar os objetivos e as táticas nos Estados Unidos e no Canadá. Segundo o relatório, aproximadamente 20 partidários de Al Qaeda com passaportes estadunidenses, canadenses ou europeus se estavam treinando nos santuários do Paquistão para regressar a seus países de origem e perpetrar atos terroristas de alto perfil. Entre eles se incluíam meia dúzia do Reino Unido, vários canadenses, alguns alemães e três estadunidenses. Não se conheciam seus nomes. Dennis Blair pensava que os relatórios eram o suficientemente alarmantes e acreditáveis como para que o Presidente fosse informado. Porém

Rahm Emmanuel não estava de acordo. Blair respondeu, como assessor de inteligência do Presidente, que se sentia realmente preocupado e Emmanuel o acusou de estar tentando responsabilizá-lo, a ele e ao Presidente.

“Ao sair da Casa Branca Blair estava convencido de que ambos viviam em planetas diferentes relativamente a este tema. Cada vez mais via uma falha no governo.

“CAPÍTULO 12

“O General Jones costumava viajar ele próprio ao Afeganistão para fazer suas próprias avaliações. Ele era da opinião de que os Estados Unidos não podiam perder essa guerra, porque a gente ia dizer que os terroristas tinham ganho e este tipo de ações se iam ver na África, América do Sul e em outros lugares. As organizações como a NATO, a União Européia e as Nações Unidas poderiam ficar relegadas à lixeira da história.

“Jones visita os soldados feridos, reúne-se com os coronéis e se entrevista com McChrystal. McChrystal lhe confessa que o Afeganistão estava muito pior do que ele esperava. Advertiu que tinha sobradas razões para preocupar-se e que se a situação não se revertia logo se tornaria irreversível. Jones pediu que lhe enumerasse os problemas e McChrystal começou a citar toda uma ladainha deles: o número de talibãs no país era muito superior ao que se pensava (25 000). Jones comentou que isso era o resultado do tratado assinado entre o Paquistão e suas tribos, visto que ali os novos talibãs podiam ser treinados sem interferências. O número de ataques talibãs se aproximava dos 550 semanais e nos últimos meses se tinha quase duplicado. As bombas à beira da estrada estavam matando aproximadamente 50 efetivos das tropas da coligação cada mês, a diferença da cifra de oito registrada no ano anterior.

“Jones insistia em que a nova estratégia tinha três etapas:

“1.- A segurança.

“2.- O desenvolvimento econômico e a reconstrução.

“3.- A governabilidade por parte dos afegãos sob o império da lei.

“Jones insistia em que a guerra não ia ser ganha só pelo exército, que durante o próximo ano a parte da estratégia que devia começar a funcionar era o desenvolvimento econômico, e que se isso não era bem feito não haveriam suficientes tropas no mundo para conseguir a vitória. Jones esclareceu que esta era uma nova época e que Obama não lhe daria aos comandantes do exército todas as forças que eles solicitavam, como costumava fazer Bush durante a guerra no Iraque. Jones acrescentou que o Presidente sabia que estava caminhando pelo gume de uma navalha, o que queria dizer que não só eram tempos difíceis e perigosos, mas que a situação podia avançar em uma ou em outra direção.

“Na província de Helmand, Jones esclareceu que a estratégia de Obama estava destinada a reduzir a participação e o compromisso dos Estados Unidos, que ele não pensava que o Afeganistão devia ser a guerra só dos Estados Unidos, mas que tinha existido uma tendência a americanizá-la.

“A seu regresso Jones informa a Obama que a situação era desconcertante; que não tinha relação alguma entre o que lhe tinham estado dizendo durante os últimos meses e o que o General McChrystal estava encarando. Obama lhe pergunta afinal quantas tropas se necessitavam e Jones lhe informa que ainda não tinha um número definido. Ele pensava que era necessário completar as duas primeiras etapas da estratégia —desenvolvimento econômico e governabilidade—, caso contrário o Afeganistão simplesmente ia engolir qualquer cifra adicional de tropas.

“No Pentágono a reação era bem diferente. Jones foi acusado de querer pôr limites à cifra de tropas. Ele alegava que não era justo que o presidente tomasse a decisão que tinha tido que tomar em março, e antes de completar os 21 000 efetivos ali, decidir que como a situação era tão má se necessitavam de

40 000 a 80 000 efetivos adicionais.

“Entre a Casa Branca e o Pentágono existia um abismo cada vez maior, e isso acontecia só quatro meses depois que o Presidente desse a conhecer sua nova estratégia.

“CAPÍTULO 13

“Alguns funcionários do governo estadunidense descreviam o governo de Obama utilizando a terminologia afegã, e diziam que a presidência estava povoada por ‘tribos’, o qual refletia suas divisões. A tribo de Hillary morava no Departamento de Estado; a tribo de Chicago ocupava os escritórios de Axelrod e Emmanuel; a tribo da campanha presidencial ocupava o Conselho de Segurança Nacional, que estava dirigido pelo chefe de gabinete Mark Lippert e o diretor de comunicações estratégicas Denis McDonough. Este grupo era chamado de ‘insurgência’.

“A derrota do Talibã requeria de mais tropas, dinheiro e tempo do que seu desmantelamento. A derrota significava uma rendição incondicional, uma capitulação total; a vitória, ganhar no mais amplo sentido da palavra, destruir completamente o Talibã.

“Richard Holbrooke se mostrava pessimista próximo das eleições de 20 de agosto no Afeganistão e expressou: ‘Se tivesse 10 resultados possíveis no Afeganistão, 9 deles são maus. Todos eles flutuam entre a guerra civil e as irregularidades’.

“Logo que fecharam os colégios de votação no dia 20 de agosto houve informações de fraude nas urnas. Muitos funcionários das Nações Unidas e do Departamento de Estado não abandonaram suas residências para visitar os locais de votação por razões de segurança.

“No dia posterior às eleições Hoolbroke e o embaixador estadunidense se reuniram com Karzai, ao qual perguntaram o que faria se houvesse uma segunda volta. Karzai disse que ele tinha sido reeleito e que não haveria uma segunda volta.

“Depois da reunião Karzai ligou para o centro de operações do Departamento de Estado e pediu falar com Obama ou com Hillary. O embaixador estadunidense recomendou ao presidente que não aceitasse a chamada, visto que Karzai se tinha colocado à defensiva dizendo que uma segunda volta era impossível. Obama esteve de acordo em não falar com ele.

“Os relatórios de inteligência descreviam Karzai como uma pessoa cada vez mais delirante e paranóica. Karzai lhes disse: ‘Vocês estão na minha contra. É um conluio entre os estadunidenses e os britânicos’.

“No mês de agosto foi criado um grupo no intuito de entrevistar os membros do grupo estratégico do General McChrystal que recém acabavam de regressar do Afeganistão, com o propósito de saber o que era o que estava acontecendo no terreno, como marchava a guerra, o que estava funcionando e o que não. McChrystal deu-lhe ao grupo três perguntas a modo de guia para seu estudo: é possível cumprir a missão?; e no caso afirmativo, o que é necessário mudar para que a missão seja cumprida?; Precisam-se mais recursos para cumprir a missão?

“McChrystal solicitou ao grupo que fosse pragmático e se concentrasse nas coisas que realmente funcionavam.

“O grupo chegou à conclusão de que o exército entendia relativamente pouco à população afegã. Não alcançava a compreender como as campanhas de intimidação lançadas pelos talibãs afetavam a população. A recolha de informação de inteligência era um desastre. O grupo descobriu que 70 por cento dos requisitos de inteligência se centravam no inimigo. Alguns membros do grupo pensavam que dentro de um ou dois anos a guerra estaria totalmente americanizada. Os estadunidenses preferiam que os aliados da NATO contribuíssem com dinheiro e assessores para as forças de segurança afegãs, em vez de que estivessem vadiando por todo o país pedindo apoio aéreo para atacar os afegãos de

aparência suspeitosa.

“O grupo só tinha más notícias para McChrystal. Podia ser levada a cabo a melhor campanha de contra-insurgência na história do mundo, e mesmo assim fracassaria pela fraqueza e pela corrupção que existiam no governo afegão. McChrystal ficou como se tivesse sido atropelado por um trem. De qualquer dos modos, agradeceu ao grupo.

“McChrystal fez saber a Gates que necessitaria 40 000 efetivos mais. Após longas discussões, Gates lhe prometeu que lhe daria tantos efetivos como pudesse enquanto pudesse. ‘Você tem um campo de batalha lá e eu tenho um campo de batalha aqui’, disse-lhe.

“CAPÍTULO 14

“Biden passara cinco horas tentando formular uma alternativa para McChrystal, que chamou de ‘anti-terrorismo plus’. Em vez de uma quantidade intensiva de efetivos, o plano se concentrava no que ele acreditava era a ameaça real: Al Qaeda. Esta estratégia punha ênfase na destruição dos grupos terroristas mediante o assassinato ou a captura de suas lideranças. Biden pensava que era possível dissuadir Al Qaeda de regressar ao Afeganistão, e evitar assim debruçar-se na dispendiosa missão de proteger o povo afegão.

“Biden pensava que Al Qaeda tomaria pelo caminho onde encontrariam menor resistência e que não regressariam a seus antigos lugares de origem se:

“1. Os Estados Unidos mantinham pelo menos duas bases (Baram e Khandahar) para que as Forças Especiais pudessem operar em qualquer lugar do país.

“2. Os Estados Unidos contassem com forças suficientes para controlar o espaço aéreo afegão.

“3. As redes de inteligência humana dentro do Afeganistão lhe proporcionavam informação acerca dos objetivos que seriam atacados pelas Forças Especiais.

“4. A elite da CIA, uma força composta por 3 000 afegãos para operações anti-terroristas podiam movimentar-se livremente.

“Afeganistão devia tornar-se em um ambiente ligeiramente mais hostil para Al Qaeda do que o Paquistão para que eles decidissem não regressar.

“Obama necessitava alguém que o guiasse. Tinha estado no Senado só quatro anos, e Biden 35. O presidente pensava que os militares não podiam pressioná-lo, mas eles podiam esmagar um presidente inexperiente. Biden recorreu a Obama, e este lhe disse: ‘Você é que conhece essa gente. Avante. Pressiona’.

“Obama confessou depois que ele queria que seu vice-presidente fosse um detrator agressivo, e que dissesse exatamente o que pensava, que fizesse as perguntas mais difíceis, porque estava convencido de que essa era a melhor maneira de servir ao povo e às tropas, estabelecendo um forte debate sobre essas questões de vida ou morte.

“Obama convocou um pequeno grupo dos mais experimentados membros de sua equipe de segurança nacional para analisar o relatório classificado de 66 páginas elaborado por McChrystal, que em resumo dizia que se não eram enviados mais efetivos era provável que a guerra terminasse em um fracasso nos próximos 12 meses. O presidente acrescentou que as opções neste caso não eram boas e esclareceu que não aceitaria automaticamente a solução proposta pelo General nem por ninguém. ‘Temos que abordar isto com o espírito de desafiar nossas próprias presunções’.

O IMPÉRIO POR DENTRO (SEGUNDA PARTE)

Published on Fidel soldado de las ideas (<http://www.fidelcastroruz.name>)

“Peter Lavoy, vice-chefe de análise do gabinete do diretor da DIN, considerava que após os ataques com aviões não tripulados, Bin Laden e sua organização tinham sido golpeados, assediados, mas não acabados, que Al Qaeda se tinha convertido na sanguessuga do Talibã.

“Obama queria saber se era possível ou não derrotar Al Qaeda e como; se era necessário destruir o Talibã para destruir Al Qaeda; o que se podia conseguir nos próximos anos; que tipo de presença era necessário ter no Afeganistão para poder contar com uma plataforma anti-terrorista eficaz.

“O que não se disse e todos sabiam era que um presidente não podia perder uma guerra nem fazer ver que a estava perdendo. Obama disse que seria necessário trabalhar durante cinco anos e propunha considerar outras prioridades nacionais.”

Fidel Castro Ruz
11 de outubro de 2010
18h00

Data:

11/10/2010

Source URL: <http://www.fidelcastroruz.name/pt-pt/articulos/o-imperio-por-dentro-segunda-parte?width=600&height=600>